

# A ESTRATIGRAFIA TEXTUAL DOS ANTIGOS FORAIS DAS VELHAS CONQUISTAS E O SILENCIAMENTO DA PAISAGEM PRÉ-COLONIAL EM GOA

Cibele E. V. Aldrovandi<sup>1</sup>

## RESUMO

Esta apresentação pretende contextualizar e discutir o silenciamento da paisagem sagrada pré-colonial goesa a partir dos três mais antigos *Forais* das Velhas Conquistas, compilados em Goa durante os séculos XVI e XVII. Com a chegada dos portugueses, no século XVI, essa paisagem sagrada foi profundamente transformada e os templos hindus e as divindades, que neles existiam, foram totalmente devastados. Os *Forais de Salcete* (1567), de *Ilhas de Goa* (1567) e de *Bardez* (1647), consultados sistematicamente no *Directorate of Archives and Archaeology* em *Panjim*, Goa, são códices em língua portuguesa que inventariaram de modo pormenorizado todas as propriedades pertencentes ou que haviam pertencido aos templos hindus daquelas três províncias. Assim como os templos, toda a documentação escrita preexistente também foi destruída naquele período. Dessa maneira, a ausência quase completa de fontes textuais ou arqueológicas que forneçam informações sobre a história pré-colonial goesa torna os *Forais* das Velhas Conquistas uma documentação fundamental para reconstituir esse passado abruptamente silenciado. Essas fontes primárias, de caráter jurídico, fornecem um registro sistemático das propriedades que pertenceram às divindades dos templos hindus expropriadas pelos portugueses e da sua transferência progressiva para as mãos dos cristãos. A interdiscursividade que se desvela na estratigrafia textual presente em cada um desses *Forais* apresenta um retrato indireto muito peculiar das transformações sociais em curso naquela

1 Pesquisadora Associada ao D.L.C.V.-F.F.L.C.H, Universidade de São Paulo – USP. Projeto desenvolvido durante Pós-Doutorado Sênior no âmbito do Projeto Temático “Pensando Goa”, coordenado pelo Prof. Dr. Hélder Garmes e financiado pela FAPESP (Proc. 2014/15657-8). aldrovan@yahoo.com

época. Isso *ocorre, porque o* modo como as informações, presentes nessa documentação primária, foram configuradas permite que sejam utilizadas de maneira inversa àquela da época em que foram produzidas. Como veremos, uma análise minuciosa dessa estratigrafia textual possibilitou reconstituir a paisagem sagrada anterior à instalação dos colonizadores europeus naquele território. No caso aqui abordado, será dada maior ênfase aos templos das divindades femininas recuperados por meio dessas importantes fontes, que compõem os antigos arquivos coloniais portugueses que permaneceram em Goa.

**Palavras-Chave:** Goa, Foral, estratigrafia textual, interdiscursividade, templos hindus, divindades femininas.

## INTRODUÇÃO

Esta apresentação pretende contextualizar e discutir o silenciamento da paisagem sagrada pré-colonial goesa a partir dos três mais antigos *Forais* das Velhas Conquistas, compilados em Goa durante os séculos XVI e XVII. São eles: o *Foral de Salcete* (1567), o *Foral de Ilhas de Goa* (1567) e o *Foral de Bardez* (1647). Com a chegada dos portugueses, no século XVI, essa paisagem sagrada foi profundamente transformada e os templos hindus e as divindades, que neles existiam, foram completamente devastados (v. KAMAT, 1990: 8-15, 2001; AXELROD e FUERCH, 1998: 449). Assim como os templos, toda a documentação escrita preexistente também foi destruída naquele período (v. HENN, 2014: 7; MITTER, 1977: 51-52).

Dessa maneira, a ausência quase completa de fontes textuais ou arqueológicas que forneçam informações sobre a história pré-colonial goesa torna esses *Forais* produzidos nas Velhas Conquistas uma documentação fundamental para a reconstituição desse passado abruptamente silenciado.

Como veremos, uma análise minuciosa da estratigrafia textual dessas fontes primárias possibilitou reconstituir a paisagem sagrada anterior à instalação dos colonizadores europeus naquele território. No caso aqui abordado, uma maior ênfase será dada aos templos das divindades femininas, recuperados por meio dessa importante documentação, que compõe os antigos arquivos coloniais portugueses que permaneceram em Goa até os dias atuais.

## OS FORAIS E AS DIVINDADES FEMININAS

O levantamento sistemático dos antigos *Forais de Ilhas, Salcete e Bardez*, trouxe à luz informações quantitativas sobre a extensão dos cultos às divindades femininas, revelando uma ênfase particular na deusa Santeri ou Śāntāḍurgā.

Entre as várias deusas hindus mencionadas nos *Forais*, Santeri ou Śāntāḍurgā é a forma mais popular da grande deusa hindu Durgā adorada, no passado e no presente, pelos devotos da maioria dos vilarejos goeses. Nos *Purāṇas*, a deusa Durgā [lit. a “inatingível, inacessível”], é uma forma furiosa (*ugra*) de Devī, a Grande Deusa – conhecida particularmente sob o epíteto Mahiṣāsūramardīnī. Ela é a deusa guerreira que recebeu todas as armas (poderes) dos deuses e conseguiu subjugar e matar o *asura* Mahiṣa

– búfalo-demônio – que ameaçava o equilíbrio do Universo. Essa é uma das narrativas míticas hindus mais representadas iconograficamente e cujos exemplares dos séculos XII e XIV, foram encontrados em algumas aldeias Goa e hoje se encontram no Goa State Museum. Mas em Goa, ao seu nome foi acrescentado o distinto epíteto *Śāntā* que deriva da palavra *śānti* [do sânscrito: paz, calma, tranquilidade] e significa, portanto, a *Pacífica*. *Śāntā*durgā é a forma pacífica da deusa Durgā.

Ao chegar a Goa trazida pelos brâmanes Gauda Sarasvat, *Śāntā*durgā foi amalgamada à divindade feminina preexistente na região do Konkan, cujo nome era Santeri. Essa é a forma como essa deusa aparece mencionada nos *Forais*. Templos dedicados às divindades autóctones eram numerosos e estavam presentes na maior parte dos vilarejos goeses. A adoração das divindades femininas locais, como protetoras das aldeias era muito difundida na região (PEREZ, 2011: 101) e a deusa Santeri, como veremos, era muito popular em época pré-portuguesa. Uma evidência mais palpável dessa transformação é encontrada nos lugares onde a deusa é representada pela sua manifestação mais antiga: os “formigueiros” naturais (termiteiros), denominados localmente *roen* ou *varul*, e em sânscrito, *valmīka*. Muitos desses termiteiros são parte integral dos santuários nos templos atuais, que foram construídos ao seu redor e, geralmente, eles são adorados como a própria deusa. Em alguns casos, também podem ser encontradas imagens antropomórficas de *Śāntā*durgā instaladas logo à frente do *roen*.

Esse processo de transformação da deusa local, simbolizada pelo termiteiro, em divindade purânica é descrito como a *sanscritização* ou a *bramanização* da divindade local. O segundo capítulo do *Nāgavya Mahātmya* [“Louvor a *Nāgavya*” (atual aldeia de Nagoa, em Salcete)], do *Sahyādrīkhaṇḍa* [“Livro das Cadeias Montanhosas *Sahyādrī* (Ocidentais)”], pertencente ao *Skandapurāṇa* [SkP] e intitulado *Śrī Śāntā*durgāprādurbhāvah [“A Manifestação de Durgā, a Pacífica”] fornece algumas informações sobre essa divindade, ali referida pelo epíteto de *Śāntā*-devī [“Deusa Pacífica”]. Nesse texto sânscrito, cuja tradução bilíngue foi realizada por mim durante o pós-doutorado, há um verso [18] que narra o desaparecimento de *Śāntā*durgā num termiteiro, ali referida pelo epíteto de *Bhagavatī*, e que está associado às lendas de outras deusas, como *Pārvati* (*Mātangi*) ou *Śakti*-*Renukā*, que também possuem narrativas que mencionam terem se ocultado em termiteiros (cf. MITRAGOTRI, 1992: 179-180).

A presença dos termiteiros sagrados de ŚrīSanteri nos templos goeses evidencia a superposição da divindade purânica à antiga deusa local, deixando clara essa inusitada *estratigrafia visual* que séculos de interação foram capazes de criar nessa região. Como observou acertadamente Newman (2001: 131), essa síntese que emerge não extermina as crenças mais antigas, mas as subordina à religião da elite bramânica, atribuindo-lhe um status mais baixo enquanto permitem que permaneçam como parte da sociedade.

## OS FORAIS DE SALCETE, ILHAS E BARDÊS

Como mencionamos, o impacto de longa duração que o colonialismo português teve em Goa, a partir do século XVI, trouxe consigo uma profunda modificação da paisagem sagrada ali existente. A destruição em larga escala da cultura material e dos templos hindus nas Velhas Conquistas fez com que poucas fontes tenham restado sobre a história pré-portuguesa dessa região, de seus vilarejos e de sua religiosidade. Por isso, para reconstruir essa paisagem sagrada pré-colonial goesa associada às divindades femininas é necessário olhar para as fontes primárias em língua portuguesa.

É verdade que os arquivos do colonialismo português consubstanciam uma relação entre conhecimento e poder, que sempre esteve a serviço das elites culturais dominantes (PAROBO, 2015: 3-4). Embora esses arquivos sejam regularmente alimentados por estudos e relatórios etnográficos, eles silenciam aqueles “grupos e personagens nas margens do sistema social, e a sua representação nos arquivos, que, muito frequentemente, os esquece ou os coloca em estantes remotas e não classificadas quando não os apaga irreversivelmente” (PEREZ, 2018: 10). Isso, inevitavelmente, leva a decisões conceituais permeadas por escolhas ideológicas, políticas, culturais e religiosas de seus organizadores, uma vez que eles próprios estão inseridos num contexto discursivo específico. Ocorre que,

Os arquivos são abertos a leituras diversas e divergentes, são porosos à dúvida e à incerteza, à inquietude e à subversão, à desconfiança e à polémica. Não somos, pois, nem como antropólogos nem como historiadores, prisioneiros dos arquivos. Podemos escavá-los para recuperar vozes subjugadas (...). Podemos, pois, ler o silêncio (Perez 2018, 12).

Os *Forais de Salcete* (1567), de *Ilhas de Goa* (1567) e de *Bardez* (1647) são códices em língua portuguesa que inventariaram de modo pormenorizado todas as propriedades pertencentes ou que haviam pertencido aos templos hindus daquelas três províncias e que foram expropriadas pelos portugueses ao longo do século XVI. Nesses *Forais* encontram-se também registradas as transferências dos *namoxins* – os bens e rendimentos alocados para o sustento dos templos – que após a sua destruição passaram para a alçada dos jesuítas ou dos cristãos leigos, portugueses ou convertidos, dotando-os de importantes fontes de rendimento fundiário.

Esses manuscritos foram consultados sistematicamente durante nossa pesquisa de campo, entre os anos de 2016 a 2020. Eles se encontram atualmente no *Directorate of Archives and Archaeology, em Panjim*, Goa, que abriga parte considerável da documentação primária que pertenceu ao antigo Arquivo do Governo Português, a Torre do Tombo do Estado da Índia.

Inicialmente, essas fontes foram consultadas *in situ*, na Biblioteca dos Arquivos, onde foram recolhidas as principais informações disponíveis presentes nos fólios, de cada uma dessas obras. Em seguida, todo esse material foi trazido para São Paulo e teve início a sistematização em tabelas detalhadas de cada província cujas aldeias tiveram alguma propriedade em nome dos templos das divindades femininas.

Essas fontes primárias, de caráter jurídico, contêm um registro sistemático das propriedades que pertenceram às divindades dos templos hindus expropriadas pelos portugueses e da sua transferência progressiva para as mãos dos cristãos. Fornecendo informações fundamentais para a reconstrução da paisagem sagrada de afiliação hindu pré-colonial, uma vez que o zêlo português buscou registrar todas essas terras com grande minúcia e, assim, nos legou um tipo muito específico de informação indireta acerca dos templos de cada aldeia e das divindades ali consagradas.

Uma peculiaridade destas fontes é que os indícios das ações perpetradas pelo governo colonial português transparecem claramente na *interdiscursividade* (v. FOUCAULT, 1969: 35 et seq.) entretecida nas páginas desses antigos manuscritos, evidenciando as estratégias concernentes à apropriação das terras das Velhas Conquistas. Nesse sentido, a interdiscursividade que se desvela na estratigrafia textual presente em cada um desses *Forais* apresenta um retrato indireto muito peculiar das transformações sociais em curso naquela época. Embora tenham sido produzidos originalmente com uma intenção bastante distinta, os *Forais*

são as fontes mais detalhadas existentes para se identificar os templos e as divindades de cada um dos vilarejos dessas províncias. Isso ocorre, porque o modo como as informações, presentes nessa documentação primária, foram configuradas permite que sejam utilizadas de maneira inversa àquela da época em que foram produzidas. Ao elencar as propriedades dos templos para que se cobrassem os devidos tributos, ou para formalizar o registro das terras transferidas para as mãos dos colonizadores, esses mesmos documentos nos possibilitam percorrer o caminho inverso, qual seja: a reconstrução dessa paisagem sagrada evanescente, que será apresentado a seguir, embora de modo bastante abreviado.

O estudo das informações presentes nos *Forais* é algo que já foi realizado anteriormente por diferentes estudiosos, entretanto, durante nossa pesquisa ficou evidenciada a necessidade de se realizar um novo e minucioso levantamento dessas *obras*, em especial das mais antigas. Finalizada essa sistematização, foi iniciada a comparação dos dados levantados com as fontes secundárias que utilizaram, anteriormente, os *Forais*, como é o caso da importante e abrangente obra publicada por Rui Gomes Pereira - *Hindu Temples and Deities* (1978: 234), entre outros. Como veremos, a investigação dessas obras permitiu verificar, por exemplo, que nem todos os templos de divindades femininas descritos nos *Forais* mais antigos, estão mencionados nas fontes secundárias disponíveis.

### 1. *Foral de Salcete*

O *Foral de Salcete* analisado está inventariado sob o [n. 3070]. Esse é o manuscrito original mais antigo da província, datado de 1567 (PISSURLENCAR, 1955: 117) e compilado num único volume com 568 fólios. Essa obra não estava disponível para pesquisa até pouco tempo antes de irmos até Goa, devido ao seu estado precário de conservação, conforme nos foi relatado pelo arquivista daquela Instituição.

Há também uma cópia do *Foral de Salcete* realizada em 1588 [n. 3071] e uma, mais tardia, em 3 volumes [n. 7583-7585] datada de 1622, que fornece um “Índice das 57 Aldeas da Província de Salcete”. No *Foral* mais antigo, que vemos aqui, os nomes das divindades dos templos, ali chamados ‘pagodes’, ainda aparecem nos cabeçalhos dos aforamentos das aldeias. Assim, apesar da dificuldade para decifrar a escrita, a identificação dos templos e das suas divindades é algo bastante direto. Os templos femininos foram compilados e quantificados.

As discrepâncias existentes entre as informações fornecidas pelo Foral e as fontes secundárias também foram registradas durante a sistematização das aldeias, na respectiva tabela de Salcete. Entre essas discrepâncias encontramos, por exemplo, o templo de Santeri (*Samtery*) da Aldeia de *Qualloa[lly]* (atual Colva), constante no fl. 49 e que não é mencionado pelas fontes secundárias (PEREIRA, 1978: 92). Esse templo de Santeri é o último citado no aforamento dessa aldeia e aparece listado em separado dos demais, com suas propriedades descritas nos fólhos 49 a 53, dando a impressão de que acabou suprimido nas cópias subsequentes do Foral de Salcete e conseqüentemente, das fontes secundárias que utilizaram essas versões mais tardias. Um outro templo de Santeri, da Aldeia de *Orlly* (Orlim) do *Foral de Salcete* é citado no fólho 133 que vemos aqui. Os 7 templos da aldeia aparecem no cabeçalho, onde se lê; “*Dos pagodes de gotimosor / de puruso / e cupumb(?) / e samteri / bauquadev / maysasor / e narayna*”. A obra de Pereira (1978: 104), por exemplo, não menciona esse templo, elencando apenas os outros 6. Assim, os templos de Santeri das aldeias de Colva e Orlim, presentes no *Foral de Salcete* [n. 3070], foram omitidos por esse estudioso. Algo semelhante ocorreu com a aldeia de *Vanollym* (Vanelim), que possuiu um templo dedicado a *Malcomy* (Śrī Mahālakṣmī) mas que não é sequer mencionado pelo autor.

## 2. Foral de Ilhas

O *Foral de Ilhas de Goa* analisado está inventariado sob o [n. 7594]. O título constante na página de rosto (original) é “Foral de Ilhas de Goa 1534”, mas trata-se de uma cópia organizada em 1567 contendo o “tombo dos bens dos pagodes *cedidos* ao Colegio de S. Paulo de Goa (1553-1562)”; composto por 150 fólhos e com um índice das 28 aldeias [fl. 2]. (PISSURLENCAR, 1955: 117). Diferente do *Foral de Salcete* [n. 3070], em que o nome dos templos das divindades é citado no cabeçalho dos fólhos e as propriedades estão descritas nos parágrafos que se seguem, o *Foral de Ilhas de Goa* já apresenta uma mudança na estratigrafia textual: apenas o nome da aldeia aparece nos cabeçalhos. Os nomes dos templos das divindades são mencionados ao longo dos parágrafos contendo as descrições das propriedades, como no verso do fólho [94v], que menciona “Mais nos amostrarão um pedaço de varzea pernome *Santery conoco* que foi dado ao dito pagode Santery (...)”.

Em relação às disparidades nas informações fornecidas pela fonte primária e as secundárias, esse *Foral* possui menções aos dois templos de



Santeri, nas aldeias de Asossim e *Gamgany* (Banguenim), que não foram registrados nas fontes secundárias.

### 3. *Foral de Bardês*

O *Foral de Bardês* analisado, está inventariado sob o [n. 7588]. Esse manuscrito foi organizado em 1647 (v. PISSURLENCAR, 1955: 117) e possui 247 fólhos. Portanto, ele é oitenta anos posterior à destruição dos templos na região de Bardez, que ocorreu em 1567. Nele, a transferência das propriedades e das terras para as igrejas ou para os cristãos já estava consumada. Entre os *Forais* pesquisados, esse é o que apresentou maior dificuldade para a sistematização das informações sobre os templos, justamente porque os templos não aparecem mais mencionados diretamente nos cabeçalhos e raramente são citados nos parágrafos dos aforamentos das aldeias. O mesmo acontece com as divindades, já praticamente silenciadas nessa estratigrafia textual mais tardia. Na maioria dos aforamentos das aldeias de Bardez, é o nome das propriedades que pertenceram aos templos que aparecem citadas.

Essa tecitura retrabalhada e mais tardia da fonte escrita, evidencia uma intertextualidade bem mais elaborada. Muitas das aldeias aparecem enunciadas em grupos e, em seguida, é apresentada a descrição detalhada das propriedades de cada uma delas; tais agrupamentos não parecem ter sido concebidos a partir da proximidade regional entre os vilarejos. O interessante, nesse sentido, é que muitas propriedades recebiam o nome da própria divindade do templo a que pertenciam, o que possibilita a reconstrução desses dados sobre os templos que existiram nessas aldeias, mesmo que de maneira indireta.

Esse é o caso do templo de Santeri da aldeia de Sirula, cuja propriedade em seu nome aparece mencionada no fl. 21, onde está citada - "A varzea *Santeriche vanna* que de presente está plantada palmeiras (...)". A aldeia de Sangolda é também um desses casos, pois no *Foral* ficou preservada somente uma menção a Santeri no parágrafo que descreve uma "varzea *Santerseta* (...)" [fl.127v.]. O local onde esteve o antigo templo de Santeri na aldeia de Sangolda foi visitado no último dia da nossa primeira viagem de pesquisa, em 2016. O terreno pertence hoje a uma família punjabe, que o adquiriu há cerca de 30 anos atrás quando foram morar em Goa, sem saber da existência das ruínas do templo. Ao lado direito da casa principal, é possível identificar vestígios das fundações do *garbhagrha* (*sanctum*) do antigo templo, ainda que pouco visíveis no solo, bem

como partes de uma única coluna de pedra do templo, cujos fragmentos permaneciam caídos ao lado da casa. Aqui os vestígios arqueológicos permitiram confirmar que a menção da várzea com o nome da divindade no *Foral*, pertenceu efetivamente à deusa Santeri.

Um outro caso interessante, de discrepância entre fontes, é a aldeia de Nagoa, da qual o fólio 120 do *Foral* preservou uma referência ao palmar que confronta: “(...) *parte de sua banda co’a varzea do pagode por nome Santerpattho q possui Domingos Mendez da dita aldea (...)*”. Pereira (1978: 73) e Rao (2003: 54) mencionam apenas 3 templos nessa aldeia, dedicados a *Vetall*, *Ravalnath* e *Narayna*, e não incluem o templo de Santeri entre eles. Além dessa deusa, existem propriedades em nome de outras divindades que também não são citadas nas fontes secundárias.

O mesmo ocorreu em relação à aldeia de Nadora, que menciona uma propriedade chamada “*conddiseta santeriche*” (fl. 70v.). O folio 167 desse *Foral* também preservou menções aos dois templos da aldeia de Corlim: “o chão de *azonatto* e *santere* pagodes emcorporados devolutos (...)”. Mas nem essa aldeia, nem Santeri ou Ajnãtha são mencionados por Pereira (1978: 62). Nesse sentido, existem pelo menos 3 templos dedicados a Santeri nesse *Foral de Bardês*, (das aldeias de Nagoa, Nadora e Corlim) que não foram citados pelas fontes secundárias.

Existe, portanto, um silenciamento duplo ocorrendo nos *Forais*: primeiro, o silenciamento dos nomes dos templos e das divindades, que ao longo dos séculos foram desaparecendo da estratigrafia textual dos *Forais* mais tardios; e um segundo silenciamento, de templos específicos que não foram incluídos nas cópias dos *Forais* mais tardios, quer tenha sido propositalmente ou por descuido dos copistas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a sistematização dos templos de Śrī Santeri e das demais divindades femininas das aldeias presentes nos três *Forais*, em tabelas específicas, foi produzida uma tabela geral contendo a somatória das informações recolhidas até o presente (ALDROVANDI, 2016). Essa quantificação, revisada durante as viagens de pesquisa subsequentes, evidenciou que as 133 aldeias existentes nas Velhas Conquistas possuíam ao menos 648 templos no século XVI (ALDROVANDI, 2020: 1354-1355). Entre eles, 189 eram dedicados a divindades femininas e 78, especificamente a Santeri. Os outros 100 templos eram dedicados à 35 divindades femininas, autóctones e outras formas de Devī (v. Tabela 1).

A partir desses totais realizamos os respectivos cálculos percentuais, a partir dos quais foi possível verificar que o número de templos de divindades femininas representava 29,16% do total de templos do território. No caso dos templos de Santeri, eles representavam 12,03% do total de templos das três províncias e, se considerados apenas os templos das divindades femininas, eles somavam 41,26% desse total, um número bastante expressivo (v. Tabela 1). No caso particular de cada uma das províncias, encontramos diferentes proporções e a quantificação permite observar uma recorrência levemente maior de templos de Santeri em Bardez, seguida por Salcete e depois por Ilhas de Goa.

Outro ponto que merece atenção é que esse levantamento dos Forais das Velhas Conquistas, os 3 mais antigos disponíveis para pesquisa, possibilitou recuperar informações sobre pelo menos mais 7 templos de Santeri, que não são mencionados nas fontes secundárias. O que significa um acréscimo de 9,85% no total antes conhecido [71 > 78] – um percentual considerável, que por si só já justifica essa revisão das fontes primárias. Esses resultados também indicam que o mesmo procedimento precisaria ser feito em relação às demais divindades.

**Tabela 1**

Quantificação e Percentagens	Foral de Salcete	Foral de Ilhas de Goa	Foral de Bardês	Total	Templos total (%)	Templos divindades femininas (%)
<b>Aldeias</b>	57	28[+8] = 36	40	<b>133</b>		
<b>Templos</b>	278	127[+50]=177	193	<b>648</b>		
<b>Templos divindades femininas (33)</b>	76	48	65	<b>189</b>	<b>29.16%</b>	
<b>Santeri - Templos</b>	33	18	27	<b>78</b>	<b>12.03%</b>	<b>41.26%</b>
<b>Santeri não mencionada em fontes secundárias</b>	2	2	3	<b>7</b>	<b>71=9.85%</b> <b>78= 8.97%</b>	
<b>Divindades Femininas - total</b>	27.33%	27.11%	33.65%			
<b>Santeri / Total</b>	11.08%	10.16%	13.98%			
<b>Santeri / Div. Femininas</b>	43.42%	37.50%	41.53%			
<i>Baguomte</i> [Bhagavatī]	11	2	7	<b>20</b>	3.08%	10.58%
<i>Durgadevy</i> [Durgādevī]	10	4	--	<b>14</b>	2.16%	7.40%
<i>Vanadevata</i> [Vanadevī]	--	4	7	<b>11</b>	1.69%	5.82%

Quantificação e Percentagens	Foral de Salcete	Foral de Ilhas de Goa	Foral de Bardês	Total	Templos total (%)	Templos divindades femininas (%)
<i>Mallcomy</i> [Mahālakṣmī]	3	3	3	9	1.38%	4.76%

Os percentuais aqui apresentados procuraram investigar a reputada popularidade da deusa Santeri e fornecer uma perspectiva distinta daquelas já existentes sobre a paisagem sagrada hindu, totalmente transformada durante o primeiro século do advento colonial português. A preponderância de ŚrīSanteri entre as divindades femininas (41,26%) confirma sua soberania entre as outras deusas e sua presença recorrente (12,03%) no panteão hindu goês. Além de ŚrīSanteri, as divindades femininas mais adoradas nas Velhas Conquistas eram *Baguomte* [Bhagavatī] com 20 templos; *Durgadevy* [Durgādevī] com 14 templos, Vanadevata [Vanadevī] com 11, e *Mallcomy* [Mahālakṣmī] com 9.

Por outro lado, essa quantificação teve, igualmente, a intenção de verificar e comparar o culto às divindades femininas em relação às divindades masculinas, possibilitando compreender que, no século XVI, os templos dedicados às deusas representavam menos de 1/3 do total de templos existentes (29,16%) nas Velhas Conquistas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A complexidade presente nessa paisagem sagrada, no entanto, deve ser observada não apenas numa análise quantitativa, mas requer que tais dados sejam equilibrados levando-se também em consideração as peculiaridades e idiosincrasias de cada província e, principalmente, de cada aldeia. Alguns desses antigos vilarejos, por exemplo, possuíam apenas um templo e ele podia ser dedicado a uma única divindade. Sabemos que, na província de Ilhas, o templo de Santeri era o único das aldeias de Baguenim e de Bambolim; e Chimbél tinha o seu único templo dedicado a Bhagavatī. Em Salcete, a aldeia de Chicolna teve um único templo dedicado a Santeri; e em Gandaulim, o templo era consagrado a Durgādevī. A província de Bardez tinha duas aldeias, Oxel e Mapussa, com um único templo, ambos dedicados a Santeri. Nessas aldeias, portanto, a preponderância da deusa, quer na forma de Santeri, Bhagavatī ou Durgādevī, merece atenção. Essas particularidades têm implicações bem distintas daquelas apresentadas pelas aldeias que tinham um maior número de templos, dedicados a divindades mais variadas.

Para concluir, se por um lado, os Forais das Velhas Conquistas tiveram o propósito de registrar as propriedades pertencentes aos templos das aldeias de Salcete, Ilhas de Goa e Bardez, para dotar os novos proprietários e as igrejas de seus proventos. Por outro, essas mesmas fontes deixaram na estratigrafia textual dos seus fólhos, indícios, por vezes diretos ou indiretos, que permitem ao pesquisador reconstruir uma paisagem sagrada pré-colonial. Assim, embora tenham outrora servido para legitimar o discurso colonial, esses mesmos arquivos e toda a gama de documentos que ali ficaram preservados, quando acessados de modo crítico, permitem que se faça o caminho inverso e, assim, se resgate, reescreva e reconstrua, como no caso aqui apresentado, partes fundamentais da história silenciada de Goa.

## REFERÊNCIAS

ALDROVANDI, Cibele. “Śrī Śāntādhurgā Devī: análise preliminar das fontes textuais goesas em língua portuguesa”. *Via Atlântica*, **Goa: Literatura e Cultura 2. Revista Via Atlântica**, USP, São Paulo, Dossiê N. 30 (Dezembro), P. 99-130, 2016.

ALDROVANDI, Cibele. “Goddess Santeri and the female deities in Goa: reassessing the pre-Portuguese sacred landscape through the earliest **Forais**,” **Indian Journal of Archaeology**, Vol. 5, No 2, (2020), P. 1333-1361, 2020. <http://ijarch.org/Abstract.aspx?articleno=352>.

AXELROD, Paul, and Michelle FUERCH. “Portuguese Orientalism and the Making of the Village Communities of Goa.” **Ethnohistory**, 45 (3), P. 439-476, 1998.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1969 (2008).

HENN, Alexander. **Hindu-Catholic Encounters in Goa: Religion, Colonialism and Modernity**. Bloomington: University of Indiana Press, 2014.

KAMAT, Pratima P. “Historical Geography and Natural Resources.” In **Goa Through the Ages: An economic history**, edited by Teotonio de Souza, 1-54, Vol. 2, Goa University Publications Series, n. 6. Nova Delhi: A. K. Mital Pub., 1990.

KAMAT, Pratima P. "Sinchretic Shaktipitha: the Image of the Divine Feminine as Santeri – Shantadurga – Saibin in Goa." **Purabhilekh-Puratatva Journal of the Directorate of Archives and Archaeology** Panaji – Goa, Vol. II, n. 2 (July-December). P. 3-31, 2001.

MITTER, Partha. **Much Maligned Monsters, a History of European Reactions to Indian Art.** London: University of Chicago Press, 1977.

PAROBO, Parag D. **India's First Democratic Revolution: Dayanand Bandodkar and the Rise of Bahujan in Goa.** New Delhi: Orient Blackswan, 2015.

PEREIRA, Rui G. **Hindu Temples and Deities** (trad. A. V. Couto). Panjim: Printwell Press, 1978.

PEREZ, Rosa Maria.. **The Tulsi and the Cross: Anthropology and the Colonial Encounter in Goa.** New Delhi: Orient Blackswan, 2011.

PEREZ, Rosa Maria. "Colonialismo, colonialismos. Uma revisitação crítica" in **O Que É Colonialismo?** Carlos Serra (Ed.). Cadernos de Ciências Sociais 29. Lisboa: Escolar Editora, P. 9-37, 2018.

PISSURLENCAR, Panduronga S. S. **Roteiro dos Arquivos da Índia Portuguesa.** Panjim: Government Printing Press, 1955.

RAO, Gopala V. "**Temples of Goa – an Architectural Study**". PhD Diss., Goa University, 2003.